

CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS

# DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

  
ALMEDINA

 ces

Centro de Estudos Sociais

# Dicionário das Crises e das Alternativas



## **DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS**

AUTOR

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado  
Universidade de Coimbra

EDITOR

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

Rua Fernandes Tomás, nºs 76, 78 e 79  
3000-167 Coimbra

Tel.: 239 851 904 · Fax: 239 851 901  
www.almедina.net · editora@almедina.net

DESIGN DE CAPA

FBA

REVISÃO

Victor Ferreira

PRÉ-IMPRESSÃO

EDIÇÕES ALMEDINA, S.A.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.

Palheira Assafarge, 3001-453 Coimbra  
producao@graficadecoimbra.pt

Abril, 2012

DEPÓSITO LEGAL

....

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade do(s) seu(s) autor(es).

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



GRUPOALMEDINA

---

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado

Universidade de Coimbra

DICIONÁRIO DAS CRISES E DAS ALTERNATIVAS

ISBN 978-972-40-4820-8

CDU 316

338

## Cidade Criativa

Perante o cenário de desindustrialização do Norte desenvolvido (Europa e América do Norte), surgiu, na década de 1980, a poderosa retórica da transição para uma economia nova, assente na criatividade e na inovação. A cidade criativa é um dos desenvolvimentos dessa tendência de regeneração económica global. Associada à ideia de uma “classe criativa”, fundada no talento (criatividade), na tecnologia (inovação) e na tolerância (diversidade social), a cidade criativa apresenta-se como a nova concretização territorial do capitalismo neoliberal. O seu fundamento é a existência de uma malha consolidada de recursos educativos, culturais, artísticos e tecno-informacionais, que, ao lado de infraestruturas de produção e de um mercado adequado, possa fixar capital humano e massa crítica. Os efeitos da crise sistémica interrogam de modo particular a capacidade de criação de cidades criativas.

Em Portugal, o discurso da cidade criativa tem vingado em ambientes académicos e algumas franjas profissionais, sobretudo, entre gestores autárquicos. É, na maioria dos casos, uma retórica com fraco substrato, que propaga uma vontade de renovação urbana e um desejo de projeção externa. A insistência na realização de espetáculos, festivais, exposições, ateliês, associada à adaptação/criação de espaços culturais (museus, bibliotecas) não basta para assegurar a alternativa que as cidades criativas prometem para promover a produção cultural e melhorar as condições de vida. Nas condições atuais, devemos reclamar uma outra cidade criativa: a que alimenta a articulação local entre cultura, comunicação, comunidade e cooperação e que só pode singrar em ambiente de competente governação democrática dos recursos locais e exógenos.

Para além da ostensiva autodesignação, as cidades criativas portuguesas devem pôr a criatividade ao serviço da sua própria condição urbana e social. A qualidade de vida (cultural), a coesão social e o emprego são as suas metas. Quanto mais bem-sucedidas internamente, mais competitivas se hão de revelar no exterior e mais merecida será a sua autoproclamada divisa.

*Carlos Fortuna*